

MARIO PRATA

**O DRIBLE
DA VACA**

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Apaixonado por futebol, o ex-goleiro amador e escritor Albert Camus (1913-1960) via nesse esporte uma forma de alcançar sabedoria sobre a vida e os homens de maneira concreta e imediata, um contraponto ao idealismo isolado da realidade que, para ele, havia contaminado os intelectuais de sua época, levando-os a colocar as teorias acima dos seres humanos.

Camus escreveu:

— O que eu mais sei sobre a moral e as obrigações do ser humano eu devo ao futebol.

(Citado por M. M. Owen, na Ilustríssima)

*Crescer vendo meu pai esperar a volta do
Linense para a primeira divisão do Paulista
fez com que eu compreendesse a dimensão
épica do futebol; que entendesse que há forças e
significados muito maiores do que se depreende
dos reles números do placar ou da tabela.*

Antonio Prata

Sempre tive a impressão de que os pés são a parte do corpo mais íntima e pessoal, e não os genitais, ou o coração, nem mesmo o cérebro — órgãos insignificantes e supervalorizados. É nos pés que se encontra todo o conhecimento sobre o ser humano, é para lá que flui todo o sentido fundamental daquilo que realmente somos e de como nos relacionamos com a terra. Todo o mistério — o fato de sermos compostos de elementos da matéria e, ao mesmo tempo, estranhos a ela, isolados — jaz no contato com a terra, em sua ligação com o corpo. Os pés são nossos pinos da tomada.

Olga Tokarczuk, *Sobre os ossos dos mortos*.

Tradução de Olga Bagińska-Shinzato. São

Paulo: Todavia, 2019.

*Am I so round with you as you with me,
That like a football you do spurn me thus?
You spurn me hence, and he will spurn
me hither:
If I last in this service, you must case me
in leather.*

Serei, acaso, redondo assim, para me dardes ambos pancada sem parar, como se eu fosse bola de futebol? Sem mais nem menos, me aplicais pontapés. A durar isso, tereis de me mandar forrar de couro.

William Shakespeare, *A comédia dos erros*,
ato 2, cena 1, 1594. Tradução de
Celso Márcio Teixeira.

(*Thanks*, Ubiratan Leal, da revista *Trivela*.)

*O humor significa o auge de qualquer ficção
ou de qualquer arte, no sentido da sublimação
do sublime, da efervescência do fervor ou da
originalidade do original.*

*É um passo à frente de qualquer vanguarda, que
se arrisca ao hermetismo da própria linguagem,
ao desconhecido, ao inefável.*

*É o caso de Finnegans Wake, por exemplo.
Estou apenas tentando justificar meu total
apreço pelo humor como forma de arte, mesmo
partindo de uma pequena experiência como
O púcaro búlgaro.*

Texto inédito do ateu Campos de Carvalho
escrito no começo de abril de 1998, dias antes
de sua morte no dia 10, na Sexta-Feira Santa.*

* O motorista do carro fúnebre que levou o corpo até o crematório em São Paulo se chamava Jesus. Antonio Prata é testemunha.

Com este livro, escrito em 2020, o autor comemorou sessenta anos no ofício de escrever.

Prefácio

Juca Kfourri

Pense no que você sabe sobre a origem do futebol.

Do moderno e do antigo.

O inventado pelos ingleses e o atribuído aos florentinos e aos chineses.

Pense no tamanho do gol, na invenção da bola, em como foram criadas as regras, e perceba que nada é assim tão simples, como coisa dada.

Tudo tem uma explicação, às vezes pensada, outras vezes por acaso.

Mario Prata saiu em busca de conhecer os mínimos detalhes.

Custou anos de pesquisa. E de descobertas que nem sequer os britânicos conhecem tão detalhadamente.

Necessário estudar e imaginar.

Jamais transpiração e inspiração tabelaram tanto.

Da sala da maconha no palácio da rainha Victoria à banheira para significar o impedimento.

É impossível sair indiferente, se não estupefato, da leitura destas páginas, uma goleada literária como faz tempo não se via pelos gramados do mundo. E pelos campos de terra, também.

Prepare-se para rir, para se surpreender e para se confundir entre ficção e realidade.

O futebol precisava de uma obra assim, que passa pelo elementar de meu caro Watson, dribla Sherlock Holmes e Finnegans Wake, de James Joyce, num tremendo bate-rebate na zona do agrião.

1

John H. Watson

2

3

Charles Laughton — Miss Dietrich

4

5

6

Finnegans Wake — Rainha Victoria — Sarah Emily Davies

7

8

9

10

11

Ackroyd & Silver — Edward — Darwin — Fielding III — Maxwell*

Técnico: Leopold Bloom

* Acho que esse cara jogou no Brasil...

PRIMEIRA
ETAPA

Escrevi este livro em 1894, num período que entraria para a história da literatura policial como O Grande Hiato. O que eu vou narrar aconteceu em Cambridge, Inglaterra, em 1859/60. Mais especificamente na universidade local, onde estudei Medicina e Educação Física. Na época, 1859, já formado e ainda bastante jovem, com 25 anos, dava aulas de Educação Física.

John H. Watson, Londres, verão de 1894

1. Pisando na grama

— Want-want!¹ — gritei, e os pássaros voaram, deixando a terra e a grama livres para eu passar.

Estamos em 1859. Universidade de Cambridge, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda.

Eu estava indo atender a uma chamada do chanceler da universidade, lorde Laughton, o reitor Charles Laughton.

Neste gramado, até o século XIV, existia um deteriorado castelo que foi adquirido pela universidade logo após sua fundação em 1209 por ex-professores e ex-alunos da Universidade de Oxford, que dista uns 200 quilômetros dali.² Eles, professores e alunos

1. Quero-quero, o pássaro.

2. John H. Watson, o narrador, sempre escreve milhas e eu traduzo para quilômetros. Assim como usará muito pés e jardas e calcularei direto para centímetros, metros etc.

naquele século XIII, consideravam Oxford ortodoxa e conservadora. Aliás, até hoje, 1894, quando escrevo, não aceitam mulheres nem como alunas nem como professoras. Oxford, não Cambridge. Apenas para cultura geral: a Universidade de Oxford havia sido criada em 1096, em Oxfordshire.

A rivalidade entre as duas instituições persiste até hoje, oito séculos depois. É famosa a corrida de barco feita anualmente no rio Tâmis entre os seus alunos. Hoje eu não sei, mas naquela época, quando eu dava aulas e aconteceu o que vou relatar, o placar estava quinze a quinze, uma vez que a competição havia começado em 1829.³ E parava a cidade de Londres. Com sol ou chuva. Ou mesmo neve.

Eu estava falando do gramado que estava atravessando e que um dia foi um castelo. Depois de séculos de histórias de assombrações e fantasmas — fatos daquelas épocas, pouco instruídas — o castelo foi derrubado, sobrando apenas aquela banheira que está num canto ao lado do terreno, abandonada há séculos.

3. A última corrida aconteceu hoje, dia em que escrevo este rodapé, 16 de dezembro de 2019. Como disse Mr. Watson, que está narrando a história acima, a primeira corrida aconteceu em 1829. A partir de 1856, tornou-se anual. O placar, em 2020, estava 84 a 80 para Cambridge. Entre as mulheres, que começaram a competir em 1927, o placar é 44 a 30, também para Cambridge...

E fez-se o gramado. Como nas minhas aulas dou corridas, sei exatamente seu comprimento e largura: 100, 110 metros de comprimento por uns 40, 50 metros de largura.

Mais ou menos, na verdade.

Além da grama, temos cravinas, rosas adamasca-das, goivos, bolsas-de-pastor, açafraão lilás, violetas roxas, rosas silvestres, agrião-do-prado e manjericão.⁴

Dali onde estava, eu via em sua janela no primeiro andar do prédio da administração geral, o chanceler.⁵

Entrei no prédio para atender lorde Laughton.

*No momento em que escrevo, em 1894 — quase no século XX —, tenho 55 anos e vivo numa fase da literatura que será conhecida como o Grande Hiato.*⁶

Sim, sou o dr. John Watson, do “elementar, meu caro Watson”, colega, amigo e colaborador de Sherlock Holmes, que morreu no final da aventura por

4. Obrigado, Oscar Wilde.

5. Uma explicação: o chanceler (o nosso reitor) de uma universidade inglesa é sob todos os aspectos como um rei ou rainha. Quem manda mesmo é o vice-chanceler, assim como o primeiro-ministro do rei ou rainha.

6. O período ficaria conhecido como o Grande Hiato porque Conan Doyle matou Sherlock Holmes em 1893, mas o ressuscitou em 1903, no conto “A casa vazia”, antes que ele e Watson morressem de fome. Neste período de dez anos, entre outras coisas, Mr. John H. Watson escreveu o livro que você está lendo. Eu apenas traduzi e fiz os rodapés.

mim narrada em O problema final, publicado no ano passado, 1893, embora a história se passe em 1891. Nela, Sherlock e seu arqui-inimigo Moriarty morrem abraçados (brigavam), caindo nas cataratas de Reichenbach. Não tendo mais o que escrever sobre meu herói, resolvi narrar minhas próprias memórias do tempo de Cambridge. Passo as noites escrevendo aqui na casa que herdei em Londres, no famoso endereço, 221B, Baker Street, ao norte do Tâmis, olhando para a escrivania vazia de Sherlock. Meu editor, Sir Conan Doyle, gostou muito da ideia.

Você poderá me perguntar por que resolvi escrever o livro que agora está lendo. Em primeiro lugar, porque eu estava lá, participei da jogada. E, em segundo lugar, e muito mais importante, porque passei os últimos 25 anos da minha vida escrevendo histórias do Sherlock Holmes. Não aguentava mais aquilo...

Então resolvi contar a minha aventura. Sem nenhum mistério... Mas com muita ação.

Passei por um longo corredor a caminho do gabinete do chanceler. Bati à porta. Miss (apesar de velhinha) Dietrich, com um sorriso encantador, abriu a grossa porta de mogno.

— Bem-vindo, dr. Watson!

Era uma mulher de cabelos brancos, esguia, nariz aquilino, como dizem os romancistas policiais, porém delicada, vestindo luvas e trajada com elegância. Seu vestido era liso e bege com tons de cinza, sem enfeites. Na cabeça havia um pequeno chapéu meio cinza com uma pena branca de um lado, como diria Conan Doyle.

Dizia-se, na época, que seria concubina de lorde Laughton. Mexericos, como se dizia. Eu achava. Que sim.

Entrei.